

No ano de 2017, comprometamo-nos, através da oração e da ação, a tornar-nos pessoas que baniram dos seus corações, palavras e gestos a violência, e a construir comunidades não-violentas, que cuidem da casa comum.

PAPA FRANCISCO

(Mensagem para o 50º Dia Mundial da Paz. 1 de Janeiro de 2017)



**Não-violência ativa e criativa
caminho para construir a paz**



Pax Christi Portugal

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel. 910864455

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://www.paxchristiportugal.net>

Lisboa
Dezembro de 2016

CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ

Temas anteriores

- * *Superar a indiferença para alcançar a paz – 2016*
- * *Artífices de fraternidade, não de escravidão – 2015*
- * *Viver como irmãos e irmãs, fundamento e caminho para a paz – 2014*
- * *Artífices e testemunhas da paz entre tod@s – 2013*
- * *A Justiça e a Paz também se aprendem – 2012*
- * *Promover e Defender a Liberdade Religiosa é Construir a Paz – 2011*
- * *Cuidar da Criação é Construir a Paz – 2010*
- * *Combater a Pobreza é Construir a Paz – 2009*
- * *A Família Humana e a Paz – 2008*
- * *A Pessoa Humana, Coração da Paz - 2007*

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2017)

PAULO VI

1968: O 1º de Janeiro: Dia Mundial da Paz
1969: A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz
1970: Educar-se para a paz através da reconciliação
1971: Todo o homem é meu irmão
1972: Se queres a paz, trabalha pela justiça
1973: A paz é possível
1974: A paz também depende de ti
1975: A reconciliação, caminho para a paz
1976: As verdadeiras armas da paz
1977: Se queres a paz, defende a vida
1978: Não à violência, sim à paz

JOÃO PAULO II

1979: Para alcançar a paz, educar para a paz
1980: A verdade, força da paz
1981: Para servir a paz, respeita a liberdade
1982: A paz: dom de Deus confiado aos homens
1983: O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo
1984: De um coração novo nasce a paz
1985: A paz e os jovens caminham juntos
1986: A paz é um valor sem fronteiras. Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só paz
1987: Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz
1988: Liberdade religiosa, condição para a convivência pacífica
1989: Para construir a paz, respeitar as minorias
1990: Paz com Deus criador, paz com toda a criação
1991: Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem
1992: Os crentes unidos na construção da paz
1993: Se procuras a paz, vai ao encontro dos pobres
1994: Da família nasce a paz da família humana
1995: Mulher: educadora de paz

1996: Dêmos às crianças um futuro de paz
1997: Oferece o perdão, recebe a paz
1998: Da justiça de cada um nasce a paz para todos
1999: No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz
2000: "Paz na terra aos homens, que Deus ama!"
2001: Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz
2002: Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão
2003: "*Pacem in terris*": um compromisso permanente
2004: Um compromisso sempre actual: educar para a Paz
2005: Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

BENTO XVI

2006: Na verdade, a paz
2007: A pessoa humana, coração da paz
2008: Família humana, comunidade de paz
2009: Combater a pobreza, construir a paz
2010: Se quiseres cultivar a Paz, preserva a Criação
2011: Liberdade Religiosa, Caminho para a Paz
2012: Educar os jovens para a justiça e a paz
2013: Bem-aventurados os Obreiros da Paz

FRANCISCO

2014: Fraternidade, fundamento e caminho para a paz
2015: Já não escravos, mas irmãos
2016: Vence a indiferença e conquista a paz
2017: A não-violência: estilo de uma política para a paz

Não-violência ativa e criativa caminho para construir a paz

CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO

50º DIA MUNDIAL DA PAZ

Lisboa
Dezembro de 2016

Não-violência ativa e criativa: caminho para construir a paz. Contributos para a Celebração do 50º Dia Mundial da Paz

Produzido por: Pax Christi Portugal

Dezembro de 2016

Disponível online em: <http://www.paxchristiportugal.net>
<http://blogdapax.blogspot.com>

CELEBREMOS A PAZ

Assinale e celebre, participe nas ações propostas, ao longo do ano, nos dias que de alguma forma estão relacionados com a temática da paz. Aqui fica uma lista!*

Janeiro

- 01: Dia Mundial da Paz
- 18: Dia Mundial do Migrante e do Refugiado
- 27: Dia Internacional de Comemoração em Memória das Vítimas do Holocausto

Fevereiro

- 08: Dia Internacional de Oração e Sensibilização contra o Tráfico Humano
- 20: Dia Mundial da Justiça Social
- 22: Dia Europeu da Vítima de Crime

Março

- 08: Dia Internacional da Mulher
- 21: Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial
- 25: Dia Internacional em Memória das Vítimas da Escravidão e do Comércio Transatlântico de Escravos

Abril

- 22: Dia Internacional da Mãe Terra

Maiο

- 15: Dia Internacional das Famílias

Junho

- 01: Dia Mundial da Criança
- 04: Dia Internacional das Crianças Inocentes Vítimas de Agressão
- 12: Dia Mundial contra o Trabalho Infantil
- 20: Dia Mundial dos Refugiados
- 26: Dia Internacional da Luta contra o Abuso e o Tráfico Ilícito de Drogas

Julho

- 18: Dia Internacional de Nelson Mandela
- 30: Dia Internacional da Amizade
- 30: Dia Mundial contra o Tráfico de Seres Humanos

Agosto

- 12: Dia Internacional da Juventude
- 23: Dia Internacional de Recordação do Tráfico de Escravos e da sua Abolição

Setembro

- 05: Dia Internacional da Caridade
- 15: Dia Internacional da Democracia
- 21: Dia Internacional da Paz
- 21: Dia Internacional de Oração pela Paz

Outubro

- 02: Dia Internacional da Não-violência
- 17: Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza
- 18: Dia Europeu de Luta contra o Tráfico de Seres Humanos

Novembro

- 25: Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres

Dezembro

- 02: Dia Internacional para a Abolição da Escravatura
- 10: Dia dos Direitos Humanos
- 18: Dia Internacional dos Migrantes
- 20: Dia Internacional da Solidariedade Humana

* Mais dias: <http://www.un.org/en/sections/observances/international-days>

Estes podem ser colocados juntos numa cartolina/poster com o título **“Construir a paz começa por mim!”**. O poster pode ser apresentado durante a Eucaristia ou colocado num local bem visível para que todos possam ver.

No final da sessão use as frases como uma oração.

CONSTRUIR A PAZ COMEÇA POR MIM!

- Quando me respeito a mim e às outras pessoas e não digo ou faço coisas más aos outros.
- Quando escuto atentamente os outros, especialmente quando eles não concordam comigo.
- Quando me importo com os sentimentos dos outros e nem sempre tento conseguir impor a minha vontade.
- Quando peço desculpa com sinceridade, se magoei outra pessoa.
- Quando perdoo os outros que me magoaram e não guardo rancor.
- Quando consigo usar as palavras certas e maneiras corretas de falar e agir mesmo quando estou com raiva, e tento resolver os problemas pacificamente.
- Quando trato a terra e todas as coisas vivas com cuidado e respeito.
- Quando encontro maneiras divertidas de jogar e programas de TV para ver, que não façam parecer emocionante ou divertido fazer mal aos outros.
- Quando sou capaz de falar com outros quando magoam ou usam palavras más, e defender os que estão a ser tratados injustamente.
- Quando sigo Jesus e o seu caminho estou num caminho para a paz.

Adaptado do Instituto para a Paz e Justiça, EUA

Oração de S. Francisco

Utilize o postal com a oração de S. Francisco — disponível em http://www.paxchristiportugal.net/Storage/EduPaz/Oracao_SFrancoisco_crianças_A6.pdf — com as crianças.

Convide-as a lerem juntas a oração e depois a pensarem como cada um de nós pode ser uma pessoa que traz a paz de Deus ao mundo.

As crianças podem escrever as suas próprias orações para a paz e colorirem e decorarem o postal para ser oferecido a um amigo ou familiar.



SUMÁRIO

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

O caminho da não-violência 7

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 50º DIA MUNDIAL DA PAZ

A não-violência: estilo de uma política para a paz..... 9

PARA UM MUNDO MAIS FRATERNAL

Um apelo à Igreja Católica a comprometer-se de novo com a centralidade da não-violência evangélica..... 15

Jesus e a não-violência 21

Os métodos de ação não-violenta 25

Não-violência: uma tarefa difícil, quase impossível..... 30

Coletânea de Orações..... 31

SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2017

Sugestões para assinalar o Dia Mundial da Paz e usar o tema durante o ano..... 33

Ideias para trabalhar com crianças..... 35

Celebremos a Paz..... 37

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2017)..... 38

CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ

Temas anteriores 39

IDEIAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS*

Construir a paz começa por mim!**

MATERIAL NECESSÁRIO

- Cada frase da oração abaixo ampliada numa única folha A4 ou A3
- Papel colorido e tesoura para as crianças fazerem recortes das suas próprias mãos
- Canetas coloridas



PROCEDIMENTO

Se o grupo não for muito grande, pode usar uma frase de cada vez e pedir às crianças para dizerem o que significa para elas. Se for um grupo maior, divida-o em pequenos grupos dando uma ou duas das frases a cada um.

As frases servem de base para um debate, a partir destas perguntas:

- Em que ocasiões agiram de uma destas maneiras? Como se sentiram?
- Alguém lhes respondeu desta maneira? Como se sentiram?

Convide as crianças a escolherem a frase que tenha mais significado para elas e a escrevê-la num recorte das suas mãos em papel. Podem decorar também os recortes das mãos se quiserem.

* Para mais atividades ver *Com as Crianças Construir a Paz. Caderno de fichas para Professores e Animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 1995.

** Adaptada da publicação da Pax Christi UK, Peace Sunday 2017: http://paxchristi.org.uk/wp/wp-content/uploads/2013/09/Pax-Christi-Peace-Sunday-Booklet_A5_24pp.pdf.

TEMPO

60 minutos, ou mais se necessário

PARTICIPANTES

Qualquer número

MATERIAL NECESSÁRIO

- Texto de Mateus 5,38-41
- Folhas de papel
- Marcadores
- Cópias do artigo do professor Wink: “Jesus e a não-violência”*.

PROCEDIMENTO

I) Distribua o texto de Mateus 5,38-41 a cada participante. Peça aos participantes que o leiam e reflitam em silêncio. Dê tempo suficiente (pelo menos 5 minutos).

II) Peça aos participantes que partilhem as suas reflexões.

III) Fomente um debate com vista a compreender o significado da passagem evangélica de Mateus. Algumas perguntas que pode fazer para estimular o diálogo são, entre outras:

- O que sugere esta passagem da Bíblia?
- Que quer dizer a Sagrada Escritura quando atribuí a Jesus a frase “Não resistais ao mal”?
- De que modo são coerentes estas palavras com os atos de Jesus?
- Como resistiu Jesus ao mal?
- O que significam os três exemplos desta passagem?
- Como podemos relacionar esta passagem do Evangelho segundo S. Mateus com a luta social de Jesus pela justiça e pela mudança?

IV) Apresente aos participantes a interpretação de Walter Wink e estimule o diálogo.

2. Não-violência

Esta atividade, com a sua descrição, está disponível no website da Pax Christi Portugal: http://www.paxchristiportugal.net/Storage/EduPaz/FA2_Nao-violencia.pdf. Consta de duas partes:

I: Definições de não-violência

Objetivos: Explorar o significado e a prática da não-violência.

II: Atitudes perante a violência

Objetivos: Explorar formas de reação/atitudes perante a injustiça e a violência, a partir de dois filmes: *Gandhi* e *A Missão*.

* Pode fazer cópias do artigo de Walter Wink a partir das págs. 21-24 desta brochura, ou do documento online em http://www.paxchristiportugal.net/Storage/TeoPaz/WalterWink-Jesus_Nao-violencia.pdf.

Em Jeito de Introdução... *O caminho da não-violência*

A não-violência é um típico exemplo de valor universal, que encontra o seu cumprimento no Evangelho de Cristo, mas que pertence também a outras nobres e antigas tradições espirituais. Num mundo como o contemporâneo, marcado infelizmente por guerras e por numerosos conflitos, assim como por uma violência alastrada, que se manifesta de várias formas na convivência ordinária, a escolha da não-violência como estilo de vida torna-se cada vez mais uma exigência de responsabilidade a todos os níveis, da educação familiar ao compromisso social e civil, até à atividade política e às relações internacionais. Em todas as circunstâncias, trata-se de rejeitar a violência como método de resolução dos conflitos e, ao contrário, de os enfrentar sempre mediante o diálogo e as negociações.

Em particular, aqueles que desempenham funções institucionais no âmbito nacional ou internacional, são chamados a assumir na própria consciência e no exercício das suas funções um estilo não violento, que não é de modo algum sinónimo de debilidade ou de passividade mas, ao contrário, pressupõe força de espírito, coragem e

capacidade de enfrentar as questões e os conflitos com honestidade intelectual, procurando verdadeiramente o bem comum, antes e mais do que qualquer interesse de parte, tanto ideológico como nos planos da economia e da política. Mas do século passado, funestado por guerras e genocídios de proporções inauditas, podemos recordar também exemplos brilhantes sobre como a não-violência, abraçada com convicção e praticada com coerência, pode alcançar resultados importantes inclusive nos planos social e político. Algumas populações, e também nações inteiras, graças ao compromisso assumido por líderes não violentos, conquistaram metas de liberdade e de justiça de maneira pacífica. Este é o caminho que se deve seguir no presente e no futuro. Esta é a vereda da paz, não aquela proclamada com palavras e na realidade negada perseguindo estratégias de domínio, apoiadas por despesas escandalosas em armamentos, enquanto numerosas pessoas estão desprovidas do necessário para viver.

PAPA FRANCISCO *

* PAPA FRANCISCO — Discurso por ocasião da apresentação das Cartas Credenciais de seis novos Embaixadores junto à Santa Sé (15 de dezembro de 2016).



SUGESTÕES PARA ASSINALAR O DIA MUNDIAL DA PAZ E USAR O TEMA DURANTE O ANO

PARA ALÉM DE UMA EUCARISTIA PELA PAZ, PODE-SE ORGANIZAR UMA PARALITURGIA PELA PAZ, UMA VIGÍLIA DA PAZ OU OUTRO TIPO DE EVENTO BASEADO NO TEMA: *A NÃO-VIOLÊNCIA: ESTILO DE UMA POLÍTICA PARA A PAZ.*

PROPOSTAS PARA ATIVIDADES*

1. Não resistir ao mal**

NOTA

Esta atividade baseia-se num artigo do biblista norte-americano Walter Wink (1935-2012). O professor Wink dá uma interpretação da conhecida passagem do Evangelho segundo S. Mateus (5,38-41) que o relaciona com a poderosa luta social não-violenta de Jesus para alcançar mudanças e justiça, e descarta as afirmações da suposta passividade, docilidade e submissão dos cristãos.

Em primeiro lugar, pede-se aos participantes que meditem sobre a passagem do Evangelho de S. Mateus e que o interpretem. Depois, como animador, deve estimular um diálogo baseado nas reflexões dos participantes. Por último, apresente o conteúdo do artigo de Wink. Sugerimos que se familiarize com o artigo de Wink antes de iniciar esta atividade.

OBJETIVOS

- Refletir sobre a passagem do Evangelho segundo S. Mateus (5,38-41)
- Apresentar a interpretação que faz Walter Wink desta passagem
- Refletir sobre a terceira via de Jesus: a não-violência

* As atividades aqui propostas podem ser realizadas com pessoas de todas as idades desde que o animador adapte a linguagem de acordo com as características dos elementos do grupo.

** Adaptado de http://paz.caritas.org/index.php/No_resistir_al_mal.



AO DEUS QUE SE MANIFESTOU COMO MENINO

Neste tempo, em que o mundo está continuamente ameaçado pela violência em tantos lugares e de muitos modos, em que não cessam de reaparecer bastões do opressor e vestes manchadas de sangue, clamamos ao Senhor:

Vós, o Deus forte, manifestastes-Vos como menino e mostrastes-Vos a nós como Aquele que nos ama e por meio de quem o amor há de triunfar. Fizestes-nos compreender que, unidos convosco, devemos ser artífices de paz. Amamos o vosso ser menino, a vossa não-violência, mas sofremos pelo facto de perdurar no mundo a violência, levando-nos a rezar assim:

Demonstrai a vossa força, ó Deus. Fazei que, neste nosso tempo e neste nosso mundo, sejam queimados os bastões do opressor, as vestes manchadas de sangue e o calçado ruidoso da guerra, de tal modo que a vossa paz triunfe neste nosso mundo.

Papa Bento XVI

ONDE ESTÁ O SANGUE DO TEU IRMÃO?

Pegamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, de chorar pela crueldade que há no mundo, em nós, incluindo aqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconómicas que abrem caminho a dramas como os dos imensos emigrantes naufragados.

Senhor, pedimos perdão pela indiferença por tantos irmãos e irmãs; pedimos-te perdão, Pai, por quem se acomodou, e se fechou no seu próprio bem-estar que leva à anestesia do coração; pedimos-te perdão por aqueles que, com as suas decisões a nível mundial, criaram situações que conduzem a estes dramas. Perdão, Senhor!

Senhor, faz que hoje ouçamos também as tuas perguntas: “Adão, onde estás?”, “Onde está o sangue do teu irmão?”

Papa Francisco
Adaptada da Homilia do em Lampedusa (08.07.2013)

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor, Deus da paz, Tu que criaste os seres humanos para serem herdeiros da Tua glória, nós Te bendizemos e agradecemos porque nos enviaste Jesus, Teu Filho muito amado. Fizeste dEle, no mistério da Sua Páscoa, o realizador da nossa salvação, a fonte de toda paz, o laço de toda fraternidade.

Senhor, Deus da paz, nós Te damos graças pelos desejos, pelos esforços e pelas realizações que o teu Espírito de paz tem suscitado no nosso tempo, para substituir o ódio pelo amor, a desconfiança pela compreensão, a indiferença pela solidariedade. Abre ainda mais o nosso espírito às exigências concretas do amor de todos os nossos irmãos e irmãs, para que possamos ser, cada vez mais, construtores de paz. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Ámen.

Beato Paulo VI

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 50º DIA MUNDIAL DA PAZ

A NÃO-VIOLÊNCIA: ESTILO DE UMA POLÍTICA PARA A PAZ

*Papa Francisco**

1. No início deste novo ano, formulo sinceros votos de paz aos povos e nações do mundo inteiro, aos chefes de Estado e de governo, bem como aos responsáveis das Comunidades Religiosas e das várias expressões da sociedade civil. Almejo paz a todo o homem, mulher, menino e menina, e rezo para que a imagem e semelhança de Deus em cada pessoa nos permitam reconhecer-nos mutuamente como dons sagrados com uma dignidade imensa. Sobretudo nas situações de conflito, respeitemos esta “dignidade mais profunda”[1] e façamos da não-violência ativa o nosso estilo de vida.

Esta é a Mensagem para o 50º Dia Mundial da Paz. Na primeira, o Beato Papa Paulo VI dirigiu-se a todos os povos – e não só aos católicos – com palavras inequívocas: “Finalmente resulta, de forma claríssima, que a paz é a única e verdadeira linha do progresso humano (não as tensões de nacionalismos ambiciosos, nem as conquistas violentas, nem as repressões geradoras duma falsa ordem civil)”. Advertia contra o “perigo de crer que as controvérsias inter-

nacionais não se possam resolver pelas vias da razão, isto é, das negociações baseadas no direito, na justiça, na equidade, mas apenas pelas vias dissuasivas e devastadoras”. Ao contrário, citando a *Pacem in terris* do seu antecessor São João XXIII, exaltava “o sentido e o amor da paz baseada na verdade, na justiça, na liberdade, no amor”. [2] É impressionante a atualidade destas palavras, não menos importantes e prementes hoje do que há cinquenta anos.

Nesta ocasião, desejo deter-me na *não-violência* como estilo duma política de paz, e peço a Deus que nos ajude, a todos nós, a inspirar na não-violência as profundezas dos nossos sentimentos e valores pessoais. Sejam a caridade e a não-violência a guiar o modo como nos tratamos uns aos outros nas relações interpessoais, sociais e internacionais. Quando sabem resistir à tentação da vingança, as vítimas da violência podem ser os protagonistas mais credíveis de processos não-violentos de construção da paz. Desde o nível local e diário até ao nível da ordem mundial, possa a não-

* http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html.

[1] Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 228.

[2] *Mensagem para a celebração do 1º Dia Mundial da Paz*, 1º de janeiro de 1968.

violência tornar-se o estilo característico das nossas decisões, dos nossos relacionamentos, das nossas ações, da política em todas as suas formas.

UM MUNDO DILACERADO

2. Enquanto o século passado foi arrasado por duas guerras mundiais devastadoras, conheceu a ameaça da guerra nuclear e um grande número de outros conflitos, hoje, infelizmente, encontramos a braços com uma terrível guerra mundial aos pedaços. Não é fácil saber se o mundo de hoje seja mais ou menos violento que o de ontem, nem se os meios modernos de comunicação e a mobilidade que caracteriza a nossa época nos tornem mais conscientes da violência ou mais rendidos a ela.

Seja como for, esta violência que se exerce “aos pedaços”, de maneiras diferentes e a variados níveis, provoca enormes sofrimentos de que estamos bem cientes: guerras em diferentes países e continentes; terrorismo, criminalidade e ataques armados imprevisíveis; os abusos sofridos pelos migrantes e as vítimas de tráfico humano; a devastação ambiental. E para quê? Porventura a violência permite alcançar objetivos de valor duradouro? Tudo aquilo que obtém não é, antes, desencadear represálias e espirais de conflitos letais que beneficiam apenas a poucos “senhores da guerra”?

A violência não é o remédio para o nosso mundo dilacerado. Responder à violência com a violência leva, na melhor das hipóteses, a migrações forçadas e a atrozes sofrimentos, porque grandes quantidades de recursos são destinadas a fins militares e subtraídas às exigências do dia-a-dia dos jovens, das famílias em dificuldade, dos idosos, dos doentes, da grande maioria dos habitantes da terra. No pior dos casos,

pode levar à morte física e espiritual de muitos, se não mesmo de todos.

A BOA NOVA

3. O próprio Jesus viveu em tempos de violência. Ensinou que o verdadeiro campo de batalha, onde se defrontam a violência e a paz, é o coração humano: “Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos” (Marcos 7,21). Mas, perante esta realidade, a resposta que oferece a mensagem de Cristo é radicalmente positiva: Ele pregou incansavelmente o amor incondicional de Deus, que acolhe e perdoa, e ensinou os seus discípulos a amar os inimigos (cf. Mateus 5,44) e a oferecer a outra face (cf. Mateus 5,39). Quando impediu, aqueles que acusavam a adúltera, de a lapidar (cf. João 8,1-11) e na noite antes de morrer, quando disse a Pedro para repor a espada na bainha (cf. Mateus 26,52), Jesus traçou o caminho da não-violência que Ele percorreu até ao fim, até à cruz, tendo assim estabelecido a paz e destruído a hostilidade (cf. Efésios 2,14-16). Por isso, quem acolhe a Boa Nova de Jesus, sabe reconhecer a violência que carrega dentro de si e deixa-se curar pela misericórdia de Deus, tornando-se assim, por sua vez, instrumento de reconciliação, como exortava São Francisco de Assis: “A paz que anunciais com os lábios, conservai-a ainda mais abundante nos vossos corações”. [3]

Hoje, ser verdadeiro discípulo de Jesus significa aderir também à sua proposta de não-violência. Esta, como afirmou o meu predecessor Bento XVI, “é realista pois considera que no mundo existe *demasiada* violência, *demasiada* injustiça e, portanto, não se pode superar esta situação, exceto se lhe contrapuser *algo mais* de amor, *algo mais* de bondade. Este “*algo mais*” vem de



COLETÂNEA DE ORAÇÕES

AO DEUS DA PAZ

Senhor Deus de Paz,
escuta a nossa súplica!
Abre os nossos olhos e os nossos corações
e dá-nos a coragem de dizer:
“nunca mais a guerra”;
“com a guerra, tudo fica destruído”!
Infunde em nós a coragem
de realizar gestos concretos
para construir a paz.
Senhor, Deus de Abraão e dos Profetas,
Deus Amor que nos criaste
e chamas a viver como irmãos,
dá-nos a força para ser cada dia
artesãos da paz;
dá-nos a capacidade de olhar
com benevolência todos os irmãos
que encontramos no nosso caminho.
Mantém acesa em nós a chama da esperança
para efectuar, com paciente perseverança,
opções de diálogo e reconciliação,
para que vença finalmente a paz.
E que do coração de todo o homem
sejam banidas estas palavras:
divisão, ódio, guerra!
Senhor, desarma a língua e as mãos,
renova os corações e as mentes,
para que a palavra que nos faz encontrar
seja sempre “irmão”,
e o estilo da nossa vida
se torne: shalom, paz, salam!
Âmen.

Papa Francisco. 08.06.2014



PEDIDO DE PERDÃO

Senhor do mundo,
Pai de todos os homens,
por meio do vosso Filho,
pedistes-nos para amar o inimigo
fazer bem aos que nos odeiam
e rezar pelos nossos perseguidores.
Muitas vezes, porém,
os cristãos renegaram o Evangelho
e, cedendo à lógica da força,
violaram os direitos de raças e povos,
desprezando as suas culturas
e tradições religiosas:
sede paciente e misericordioso connosco
e perdoai-nos!
Por Cristo Senhor nosso.

S. João Paulo II (2000)

[3] “Legenda dos três companheiros”: *Fontes Franciscanas*, n. 1469.



NÃO-VIOLÊNCIA: UMA TAREFA DIFÍCIL, QUASE IMPOSSÍVEL

Phil Bosmans*

A não-violência
não é uma forma
de deixar em paz
as situações existentes,
de cruzar os braços.

A não-violência
não é um alibi
agradável e seguro
para os covardes.

A não-violência começa
com treino mental,
com ascetismo,
conhecimento de si próprio
e autocontrole,
com amor
por tudo o que vive,
com amor
até pelos inimigos.

Para se transformar
em não-violento,
há que atravessar
o deserto
para purificar
o próprio coração.

Aos olhos
dos poderosos,
dos grandes
deste mundo,
és um derrotado.

Não poderás erguer
um arco de triunfo,
mas também
não terás de abrir
um cemitério.

Deus”.[4]E acrescentava sem hesitação: “a não-violência para os cristãos não é um mero comportamento tático, mas um modo de ser da pessoa, uma atitude de quem *está tão convicto do amor de Deus e do seu poder* que não tem medo de enfrentar o mal somente com as armas do amor e da verdade. O amor ao inimigo constitui o núcleo da “revolução cristã””.[5] A página evangélica – *amai os vossos inimigos* (cf. Lucas 6,27) – é, justamente, considerada “a magna carta da não-violência cristã”: esta não consiste “em render-se ao mal (...)”, mas em responder ao mal com o bem (cf. Romanos 12,17-21), quebrando dessa forma a corrente da injustiça”.[6]

*A violência nunca trouxe a paz,
a não ser a dos cemitérios.*

PHIL BOSMANS (1998)

MAIS PODEROSA QUE A VIOLÊNCIA

4. Por vezes, entende-se a não-violência como rendição, negligência e passividade, mas, na realidade, não é isso. Quando a Madre Teresa recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1979, declarou claramente qual era a sua ideia de não-violência ativa: “Na nossa família, não temos necessidade de bombas e de armas, não precisamos de destruir para edificar a paz, mas apenas de estar juntos, de nos amarmos uns aos outros (...). E poderemos superar todo o mal que há no mundo”.[7] Com efeito, a força das armas é enganadora. “Enquanto os traficantes de armas fazem o seu trabalho, há pobres

pacificadores que, só para ajudar uma pessoa, outra e outra, dão a vida”; para estes obreiros da paz, a Madre Teresa é “um símbolo, um ícone dos nossos tempos”.[8] No passado mês de setembro, tive a grande alegria de a proclamar Santa. Elogiei a sua disponibilidade para com todos “através do acolhimento e da defesa da vida humana, a dos nascituros e a dos abandonados e descartados. (...) Inclinou-se sobre as pessoas indefesas, deixadas moribundas à beira da estrada, reconhecendo a dignidade que Deus lhes dera; fez ouvir a sua voz aos poderosos da terra, para que reconhecessem a sua culpa diante dos crimes – diante dos crimes! – da pobreza criada por eles mesmos”.[9] Como resposta, a sua missão – e nisto representa milhares, antes, milhões de pessoas – é ir ao encontro das vítimas com generosidade e dedicação, tocando e vendando cada corpo ferido, curando cada vida dilacerada.

A não-violência, praticada com decisão e coerência, produziu resultados impressionantes. Os sucessos alcançados por Mahatma Gandhi e Khan Abdul Ghaffar Khan, na libertação da Índia, e por Martin Luther King Jr contra a discriminação racial nunca serão esquecidos. As mulheres, em particular, são muitas vezes líderes de não-violência, como, por exemplo, Leymah Gbowee e milhares de mulheres liberianas, que organizaram encontros de oração e protesto não-violento (*pray-ins*), obtendo negociações de alto nível para a conclusão da segunda guerra civil na Libéria.

E não podemos esquecer também aquela década epocal que terminou com a queda

[4] *Angelus*, 18 de fevereiro de 2007.

[5] *Ibidem*.

[6] *Ibidem*.

[7] *Discurso por ocasião da entrega do Prémio Nobel*, 11 de dezembro de 1979.

[8] Francisco, *Meditação “O caminho da paz”*, Capela da *Domus Sanctae Marthae*, 19 de novembro de 2015.

[9] *Homília na canonização da Beata Madre Teresa de Calcutá*, 4 de setembro de 2016.

* PHIL BOSMANS — *Bondade. A força do Amor*. Porto: Ed. Perpétuo Socorro, 1988, p. 98.

dos regimes comunistas na Europa. As comunidades cristãs deram a sua contribuição através da oração insistente e a ação corajosa. Especial influência exerceu São João Paulo II, com o seu ministério e magistério. Refletindo sobre os acontecimentos de 1989, na Encíclica *Centesimus annus* (1991), o meu predecessor fazia ressaltar como uma mudança epocal na vida dos povos, nações e Estados se realizara “através de uma luta pacífica que lançou mão apenas das armas da verdade e da justiça”. [10] Este percurso de transição política para a paz foi possível, em parte, “pelo empenho não-violento de homens que sempre se recusaram a ceder ao poder da força e, ao mesmo tempo, souberam encontrar aqui e ali formas eficazes para dar testemunho da verdade”. E concluiu: “Que os seres humanos aprendam a lutar pela justiça sem violência, renunciando tanto à luta de classes nas controvérsias internas, como à guerra nas internacionais”. [11]

A Igreja comprometeu-se na implementação de estratégias não-violentas para promover a paz em muitos países solicitando, inclusive aos intervenientes mais violentos, esforços para construir uma paz justa e duradoura.

Este compromisso a favor das vítimas da injustiça e da violência não é um património exclusivo da Igreja Católica, mas pertence a muitas tradições religiosas, para quem “a compaixão e a não-violência são essenci-

ais e indicam o caminho da vida”. [12] Reitero-o aqui sem hesitação: “nenhuma religião é terrorista”. [13] A violência é uma profanação do nome de Deus. [14] Nunca nos cansemos de repetir: “jamais o nome de Deus pode justificar a violência. Só a paz é santa. Só a paz é santa, não a guerra”. [15]

A RAIZ DOMÉSTICA DUMA POLÍTICA NÃO-VIOLENTA

5. Se a origem donde brota a violência é o coração humano, então é fundamental começar por percorrer a senda da não-violência dentro da família. É uma componente daquela alegria do amor que apresentei na Exortação Apostólica *Amoris laetitia*, em março passado, concluindo dois anos de reflexão por parte da Igreja sobre o matrimónio e a família. Esta constitui o cadinho indispensável no qual cônjuges, pais e filhos, irmãos e irmãs aprendem a comunicar e a cuidar uns dos outros desinteressadamente e onde os atritos, ou mesmo os conflitos, devem ser superados, não pela força, mas com o diálogo, o respeito, a busca do bem do outro, a misericórdia e o perdão. [16] A partir da família, a alegria do amor propaga-se pelo mundo, irradiando para toda a sociedade. [17] Aliás, uma ética de fraternidade e coexistência pacífica entre as pessoas e entre os povos não se pode basear na lógica do medo, da violência e do fechamento, mas na responsabilidade, no respeito e no diálogo sincero.

Ação governamental internacional

151. Mudanças na representação diplomática e outras
152. Adiamento e cancelamento de eventos diplomáticos
153. Retenção de reconhecimento diplomático
154. Rompimento de relações diplomáticas
155. Retirada de organizações internacionais
156. Recusa em pertencer a organismos internacionais
157. Expulsão de organizações internacionais

MÉTODOS DE INTERVENÇÃO NÃO-VIOLENTA

São ações que intervêm diretamente para mudar a situação. Intervenções negativas podem interromper, e mesmo destruir, padrões de comportamento estabelecidos, políticas, relacionamentos ou instituições. As intervenções positivas podem estabelecer novos padrões de comportamento, políticas, relações ou instituições. [...] Esta lista inclui quarenta métodos divididos em cinco subgrupos.

Intervenção psicológica

158. Autoexposição às intempéries
159. Jejum:
 - (a) Jejum de pressão moral
 - (b) Greve de fome
 - (c) Jejum “satyagrahico”
160. Inversão do julgamento
161. Assédio não-violento

Intervenção física

162. Ocupação de um lugar, permanecendo sentados (*Sit-in*)
163. Ocupação de um lugar, permanecendo em pé (*Stand-in*)
164. Ocupação de meios de transporte (*Ride-in*)
165. Ocupação de praias e semelhantes, ficando dentro da água (*Wade-in*)

166. Circular em determinado local (*Mill-in*)
167. Rezar em locais proibidos (*Pray-in*)
168. Incursões não-violentas
169. Incursões aéreas não-violentas
170. Invasão não-violenta
171. Interposição não-violenta
172. Obstrução não-violenta
173. Ocupação não-violenta

Intervenção social

174. Estabelecimento de novos padrões sociais
175. Sobrecarga dos serviços/instalações
176. Provocar atrasos
177. Intervenção oral
178. Teatro de guerrilha
179. Instituições sociais alternativas
180. Sistemas de comunicação alternativos

Intervenção económica

181. Greve invertida
182. Greve de braços cruzados
183. Ocupação não violenta de terras
184. Desafio a bloqueios
185. Falsificação politicamente motivada
186. Compra preventiva
187. Apropriação de bens
188. “Dumping”
189. Patrocínio Seletivo
190. Mercados alternativos
191. Sistemas alternativos de meios de transporte
192. Instituições económicas alternativas

Intervenção política

193. Sobrecarga dos sistemas administrativos
194. Revelação da identidade de agentes secretos
195. Procurar ser preso
196. Desobediência civil a leis “neutras”
197. Trabalhar sem colaborar
198. Dupla soberania e governo paralelo

[10] N. 23

[11] *Ibidem*.

[12] Francisco, *Discurso na Audiência inter-religiosa*, 3 de novembro de 2016.

[13] Idem, *Discurso no III Encontro Mundial dos Movimentos Populares*, 5 de novembro de 2016.

[14] Cf. Idem, *Discurso no Encontro com o Xequê dos Muçulmanos do Cáucaso e com Representantes das outras Comunidades Religiosas*, Baku, 2 de outubro de 2016.

[15] Idem, *Discurso em Assis*, 20 de setembro de 2016.

[16] Cf. Exort. ap. pós-sinodal *Amoris laetitia*, 90-130.

[17] Cf. *ibidem*, 133.194.234.

Greves restritas

- 108. Greve por partes
- 109. Greve por rotação
- 110. Operação tartaruga
- 111. Greve de zelo
- 112. Alegação de “doença”
- 113. Greve através de demissão
- 114. Greve limitada
- 115. Greve seletiva

Greves multisetoriais

- 116. Greve generalizada
- 117. Greve geral

Combinações de greves e bloqueios econômicos

- 118. “Hartal”
- 119. Paralisação da atividade econômica

MÉTODOS DE NÃO-COOPERAÇÃO POLÍTICA

A não-cooperação política pode ser praticada para expressar protesto, deter o funcionamento da unidade política ou contribuir para a desintegração do governo. Esta lista inclui trinta e sete métodos divididos em seis subgrupos.

Rejeição da autoridade

- 120. Negar ou retirar a lealdade
- 121. Recusa em prestar apoio público
- 122. Escritos e discursos apoiando a resistência

Não-cooperação dos cidadãos com o governo

- 123. Boicote por parte dos membros dos órgãos legislativos
- 124. Boicote às eleições
- 125. Boicote ao emprego e cargos governamentais
- 126. Boicote aos departamentos, agências e outros organismos do governo
- 127. Retirada de instituições de ensino governamentais

- 128. Boicote às organizações apoiadas pelo governo
- 129. Recusa em colaborar com agentes da repressão
- 130. Remoção de sinais e placas indicativas próprios
- 131. Recusa em aceitar funcionários nomeados
- 132. Recusa em dissolver instituições existentes

Alternativas dos cidadãos quanto à obediência

- 133. Obediência relutante e vagarosa
- 134. Não-obediência na ausência de supervisão direta
- 135. Não-obediência popular
- 136. Desobediência disfarçada
- 137. Recusa por parte de uma assembleia ou reunião de se dispersar
- 138. Ocupação sentada
- 139. Não-cooperação com recrutamento militar e deportação
- 140. Ocultamento, fuga e identidades falsas
- 141. Desobediência civil a leis “ilegítimas”

Ação por parte do pessoal do governo

- 142. Recusa seletiva de colaboração por parte dos auxiliares do governo
- 143. Bloqueio das linhas de comando e informação
- 144. Uso de evasivas e obstruções
- 145. Não-cooperação administrativa geral
- 146. Não-cooperação por parte dos membros do sistema judicial
- 147. Deliberada diminuição ou ausência de eficiência e não-cooperação seletiva por parte dos agentes de repressão
- 148. Motim

Ação governamental doméstica

- 149. Subterfúgios e adiamentos quase-legais
- 150. Não-cooperação com o governo central por parte de unidades do governo

Neste sentido, lanço um apelo a favor do desarmamento, bem como da proibição e abolição das armas nucleares: a dissuasão nuclear e a ameaça duma segura destruição recíproca não podem fundamentar este tipo de ética.[18] Com igual urgência, suplico que cessem a violência doméstica e os abusos sobre mulheres e crianças.

O Jubileu da Misericórdia, que terminou em novembro passado, foi um convite a olhar para as profundezas do nosso coração e a deixar entrar nele a misericórdia de Deus. O ano jubilar fez-nos tomar consciência de como são numerosos e variados os indivíduos e os grupos sociais que são tratados com indiferença, que são vítimas de injustiça e sofrem violência. Fazem parte da nossa “família”, são nossos irmãos e irmãs. Por isso, as políticas de não-violência devem começar dentro das paredes de casa para, depois, se difundir por toda a família humana. “O exemplo de Santa Teresa de Lisieux convida-nos a pôr em prática o pequeno caminho do amor, a não perder a oportunidade duma palavra gentil, dum sorriso, de qualquer pequeno gesto que semeie paz e amizade. Uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo”.[19]

Com a guerra, quem perde é a humanidade. Só na paz e com a paz é que se pode garantir o respeito da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos inalienáveis.

S. JOÃO PAULO II (1999)

O MEU CONVITE

6. A construção da paz por meio da não-violência ativa é um elemento necessário e coerente com os esforços contínuos da Igreja para limitar o uso da força através das normas morais, mediante a sua participação nos trabalhos das instituições internacionais e graças à competente contribuição de muitos cristãos para a elaboração da legislação a todos os níveis. O próprio Jesus nos oferece um “manual” desta estratégia de construção da paz no chamado Sermão da Montanha. As oito Bem-aventuranças (cf. *Mateus* 5, 3-10) traçam o perfil da pessoa que podemos definir feliz, boa e autêntica. Felizes os mansos – diz Jesus –, os misericordiosos, os pacificadores, os puros de coração, os que têm fome e sede de justiça.

Este é um programa e um desafio também para os líderes políticos e religiosos, para os responsáveis das instituições internacionais e os dirigentes das empresas e dos meios de comunicação social de todo o mundo: aplicar as Bem-aventuranças na forma como exercem as suas responsabilidades. É um desafio a construir a sociedade, a comunidade ou a empresa de que são responsáveis com o estilo dos obreiros da paz; a dar provas de misericórdia, recusando-se a descartar as pessoas, danificar o meio ambiente e querer vencer a todo o custo. Isto requer a disponibilidade para “suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo”.[20] Agir desta forma significa escolher a solidariedade como estilo para fazer a história e construir a amizade social. A não-violência ativa é uma forma de mostrar que a unidade é, verdadeiramente, mais forte e fecunda do

[18] Cf. Francisco, *Mensagem à Conferência sobre o impacto humanitário das armas nucleares*, 7 de dezembro de 2014.

[19] Idem, Carta enc. *Laudato si'*, 230.

[20] Idem, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 227.

que o conflito. No mundo, tudo está intimamente ligado.[21] Claro, é possível que as diferenças gerem atritos: enfrentemo-los de forma construtiva e não-violenta, de modo que “as tensões e os opostos [possam] alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida”, conservando “as preciosas potencialidades das polaridades em contraste”. [22]

Asseguro que a Igreja Católica acompanhará toda a tentativa de construir a paz inclusive através da não-violência ativa e criativa. No dia 1 de janeiro de 2017, nasce o novo Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, que ajudará a Igreja a promover, de modo cada vez mais eficaz, “os bens incomensuráveis da justiça, da paz e da salvaguarda da criação” e da solicitude pelos migrantes, “os necessitados, os doentes e os excluídos, os marginalizados e as vítimas dos conflitos armados e das catástrofes naturais, os reclusos, os desempregados e as vítimas de toda e qualquer forma de escravidão e de tortura”. [23] Toda a ação nesta linha, ainda que modesta, contribui para construir um mundo livre da violência, o primeiro passo para a justiça e a paz.

Parecia que a configuração europeia, saída da segunda guerra mundial e consagrada no *Tratado de Alta*, só poderia ser abalada por outra guerra. Pelo contrário, foi superada pelo empenho não violento de homens que sempre se recusaram a ceder ao poder da força, e ao mesmo tempo souberam encontrar aqui e ali formas eficazes para dar testemunho da verdade.

S. JOÃO PAULO II – *Centesimus annus*, 23

[21] Cf. Idem, Carta enc. *Laudato si'*, 16.117.138.

[22] Idem, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 228.

[23] Idem, Carta apostólica sob a forma de “*Motu proprio*” pela qual se institui o Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, 17 de agosto de 2016.

[24] Francisco, *Regina Caeli*, Belém, 25 de maio de 2014.

[25] *Apelo*, Assis, 20 de setembro de 2016.

EM CONCLUSÃO

7. Como é tradição, assino esta Mensagem no dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. Nossa Senhora é a Rainha da Paz. No nascimento do seu Filho, os anjos glorificavam a Deus e almejavam paz na terra aos homens e mulheres de boa vontade (cf. *Lucas* 2, 14). Peçamos à Virgem Maria que nos sirva de guia.

“Todos desejamos a paz; muitas pessoas a constroem todos os dias com pequenos gestos; muitos sofrem e suportam pacientemente a dificuldade de tantas tentativas para a construir”. [24] No ano de 2017, comprometamo-nos, através da oração e da ação, a tornar-nos pessoas que baniram dos seus corações, palavras e gestos a violência, e a construir comunidades não-violentas, que cuidem da casa comum. “Nada é impossível, se nos dirigimos a Deus na oração. Todos podem ser artesãos de paz”. [25]

Vaticano, 8 de dezembro de 2016.

Francisco

MÉTODOS DE NÃO-COOPERAÇÃO

ECONÓMICA: 1. BOICOTES ECONÓMICOS

Um boicote económico é a recusa de comprar, vender, manusear ou distribuir bens e serviços específicos. Nesta lista estão vinte e cinco métodos divididos em seis subgrupos de boicotes económicos.

Ação por parte dos consumidores

71. Boicote por parte dos consumidores
72. Não-consumir bens boicotados
73. Política de austeridade voluntária
74. Não pagamento de aluguer
75. Recusa em alugar
76. Boicote nacional por parte dos consumidores
77. Boicote internacional por parte dos consumidores

Ação por parte dos trabalhadores e produtores

78. Boicote por parte dos trabalhadores
79. Boicote por parte dos produtores

Ação por parte dos intermediários

80. Boicote por parte dos fornecedores e intermediários

Ação por parte dos proprietários e da gerência

81. Boicote por parte dos negociantes
82. Recusa em alugar ou vender a sua propriedade
83. Encerramento temporário de fábricas, ou indústrias, etc. (*Lockout*)
84. Recusa de colaboração por parte de indústrias
85. “Greve geral” por parte dos comerciantes

Ação por parte dos detentores dos recursos financeiros

86. Retirada de depósitos bancários
87. Recusa em pagar taxas, encargos e multas
88. Recusa em pagar dívidas ou de juros
89. Suspensão de fundos e créditos

90. Recusa na contribuição de receitas
91. Recusa em usar a moeda corrente do país

Ação por parte dos governos

92. Embargo interno
93. “Lista negra” de comerciantes
94. Embargo internacional por parte do(s) país(es) vendedor(es)
95. Embargo internacional por parte do(s) país(es) comprador(es)
96. Embargo de comércio internacional

MÉTODOS DE NÃO-COOPERAÇÃO ECONÓMICA: 2. A GREVE

Os métodos da greve implicam a recusa de prosseguir a cooperação económica através do trabalho. As greves são suspensões coletivas, deliberadas e normalmente temporárias de trabalho destinadas a pressionar outros. Vinte e três tipos de greves são listados aqui em sete subgrupos.

Greves simbólicas

97. Greve de protesto
98. Greve “relâmpago”

Greves agrícolas

99. Greve por parte dos trabalhadores rurais
100. Greve por parte dos trabalhadores agrícolas

Greves por parte de grupos especiais

101. Recusa em fazer trabalhos forçados
102. Greve por parte dos prisioneiros
103. Greve por parte de membros de determinado ofício
104. Greve por parte de uma categoria profissional

Greves industriais comuns

105. Greve numa empresa
106. Greve afetando um tipo de indústria
107. Greves de apoio

Representações de grupo

13. Delegações
14. Prêmios satíricos
15. Grupo de pressão
16. Piquetes
17. Eleições simuladas

Atos públicos simbólicos

18. Exibição de bandeiras e cores simbólicas
19. Uso de símbolos
20. Oração e culto
21. Entrega de objetos simbólicos
22. Nudez em protesto
23. Destruição de propriedade própria
24. Iluminação simbólica
25. Exibição de retratos
26. Pintura como forma de protesto
27. Novos sinais e nomes e/ou nomes simbólicos
28. Sons simbólicos
29. Reclamações simbólicas
30. Gestos ofensivos

Pressões sobre os indivíduos

31. “Perseguir” pessoas importantes
32. Ridicularizar pessoas importantes
33. Confraternização
34. Vigílias

Peças teatrais e música

35. Sátiras e partidas humorísticas
36. Interpretações de peças de teatro e música
37. Canções

Procissões

38. Marchas
39. Desfiles
40. Procissões religiosas
41. Peregrinações
42. Marchas ou desfiles motorizados

Homenagem aos mortos

43. Luto Político
44. Enterros simulados

45. Funerais demonstrativos
46. Homenagem nos locais de sepultamento

Assembleias públicas

47. Assembleias de protesto ou de apoio
48. Reuniões de protesto
49. Reuniões de protesto simuladas
50. “Teach-ins”

Retirada e renúncia

51. Abandono de recinto
52. Silêncio
53. Renúncia a títulos de honra, etc.
54. Voltar as costas

MÉTODOS DE NÃO-COOPERAÇÃO SOCIAL

As classes de não-cooperação são a não-cooperação social, económica e política. Quinze métodos estão listados em três subgrupos de não-cooperação social.

Ostracismo de pessoas

55. Boicote Social
56. Boicote social seletivo
57. Boicote sexual
58. Excomunhão
59. Interdito

Não cooperação com eventos, costumes e instituições sociais

60. Suspensão de atividades sociais e desportivas
61. Boicote a eventos sociais
62. Greve estudantil
63. Desobediência social
64. Retirada de instituições sociais

Retirada do sistema social

65. Permanência em casa
66. Total não-cooperação pessoal
67. “Fuga” de trabalhadores
68. Procura de asilo
69. Desaparecimento coletivo
70. Emigração de protesto (*hijrat*)



PARA UM MUNDO MAIS FRATERNO

UM APELO À IGREJA CATÓLICA A COMPROMETER-SE DE NOVO COM A CENTRALIDADE DA NÃO-VIOLÊNCIA EVANGÉLICA

Declaração e questões para discussão/reflexão pessoal e em grupo***

Antes de ler a declaração, tenha em consideração as seguintes perguntas: O que significa para si a frase “não-violência evangélica”? Quem são os seus heróis da não-violência? Como pratica a não-violência? Como relaciona a Igreja com a não-violência? Como é que Jesus é não-violento e o que é que isso significa para o seu discipulado e para a Igreja?

Como cristãos comprometidos com um mundo mais justo e pacífico estamos chamados a tomar uma posição clara a favor da não-violência ativa e criativa e a manifestar-nos contra todas as formas de violência. Com esta convicção e em reconhecimento do Ano Jubilar da Misericórdia declarado pelo Papa Francisco, pessoas de muitos países reunimo-nos em Roma para a Conferência sobre Não-violência e Paz Justa patrocinada pelo Conselho Pontifício Justiça e Paz e pela Pax Christi Internacional, entre 11 e 13 de abril de 2016.

A nossa assembleia, povo de Deus vindo de África, Américas, Ásia, Europa, Médio Oriente e Oceânia incluiu pessoas leigas, teólogos, membros de congregações religiosas, padres e bispos. Muitos de nós vi-

vemos em comunidades que experimentam a violência e a opressão. Todos somos praticantes da justiça e da paz. Estamos agradecidos pela mensagem do Papa Francisco*** à nossa conferência: “a reflexão para relançar o percurso da não-violência, e em especial da não-violência ativa, constitui um necessário e positivo contributo”.

O que pode fazer em resposta ao pedido do Papa Francisco para revitalizar “o percurso da não-violência, e em especial da não-violência ativa”?

OLHANDO PARA O NOSSO MUNDO HOJE

Vivemos numa época de extenso sofrimento, trauma generalizado e medo relacionados com a militarização, a injustiça econó-

* Declaração final da conferência “Não-violência e Paz Justa: Contributo para a compreensão e compromisso católicos com a não-violência”, realizada em Roma, 11-13 abril de 2016. A conferência foi coorganizada pela Pax Christi Internacional, o Conselho Pontifício Justiça e Paz, UISG/USG e muitas outras organizações católicas internacionais.

** As perguntas para reflexão estão **em negrito e em itálico**.

*** Ver a mensagem do Papa Francisco em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20160406_messaggio-non-violenza-pace-giusta.html.



mica, as alterações climáticas e milhares de outras formas específicas de violência. Neste contexto de violência normalizada e sistêmica, aqueles de entre nós que vivem na tradição cristã, estamos chamados a reconhecer a centralidade da não-violência ativa na visão e na mensagem de Jesus; na vida e na praxis da Igreja Católica; e na nossa vocação de longo prazo de curar e reconciliar tanto as pessoas como o planeta.

O que significa para si, para a sua Igreja local e para a Igreja mundial a frase iniciada por “Neste contexto de violência normalizada e sistêmica...”?

Alegremo-nos com as ricas experiências concretas de pessoas comprometidas no trabalho pela paz em todo o mundo, de quem escutamos muitas histórias durante esta conferência. As e os participantes compartilharam as suas experiências de corajosas negociações com atores armados no Uganda e na Colômbia; o trabalho para proteger o Artigo 9, a cláusula de paz da Constituição japonesa; o acompanhamento na Palestina; e a educação para a paz a nível nacional nas Filipinas. Essas experiências iluminam a criatividade e o poder das práticas não-violentas em muitas e diversas situações de conflito violento potencial ou real. De facto, investigações académicas recentes demonstraram que as estratégias de resistência não-violenta são duas vezes mais eficazes que as estratégias violentas.

Onde vê atualmente “a criatividade e o poder das práticas não-violentas em muitas e diversas situações de conflito violento potencial ou real”?

Chegou o momento de a nossa Igreja ser um testemunho vivo e de investir muitos mais recursos humanos e financeiros na promoção de uma espiritualidade e prática da não-violência ativa, e na formação e capacitação das nossas comunidades católicas em práticas não-violentas eficazes. Em

tudo isto, Jesus é a nossa inspiração e o nosso modelo.

Concorda com a afirmação: “Chegou o momento de a nossa Igreja ser um testemunho vivo e de investir muitos mais recursos humanos e financeiros na promoção de uma espiritualidade e prática da não-violência ativa, e na formação e capacitação das nossas comunidades católicas em práticas não-violentas eficazes”? Como pode ajudar a Igreja a promover a não-violência? De que modo “Jesus é a nossa inspiração e o nosso modelo” para isto?

JESUS E A NÃO-VIOLÊNCIA

No seu tempo, carregado de violência estrutural, Jesus proclamou uma nova ordem, não-violenta, enraizada no amor incondicional de Deus. Jesus chamou os seus discípulos a amarem os seus inimigos (Mateus 5,44), que inclui respeitar a imagem de Deus em todas as pessoas; a oferecerem resistência não-violenta a quem faz mal (Mateus 5,39); a converterem-se em construtores de paz; a perdoarem e a arrependerem-se; e a serem abundantemente misericordiosos (Mateus 5-7). Jesus encarnou a não-violência ao resistir ativamente à desumanização sistêmica, como quando desafiou a lei do Sabat para curar o homem com a mão paralisada (Marcos 3,1-6); quando confrontou os poderosos no Templo e o purificou (João 2,13-22); quando pacífica mas decididamente desafiou os homens que acusavam uma mulher de adultério (João 8,1-11); quando na noite antes de morrer ordenou a Pedro não usar a espada (Mateus 26,52).

Examine cada uma das referências bíblicas e discuta o que é que elas significam para si. O que é a nova ordem não-violenta de Jesus? Como “amamos os nossos inimigos”? Como “oferecemos resistência não violenta àquele que faz o mal”? Como pode ser um construtor da paz? O que significa para si e para a igreja global afirmar que Jesus “encarnou a não-violência” e “resistiu ativamente ao mal”? O

OS MÉTODOS DE AÇÃO NÃO-VIOLENTA Gene Sharp*

Os muitos métodos específicos, ou “armas”, de ação não-violenta estão classificados em três grupos:

- Protesto e persuasão
- Não-cooperação
- Intervenção não-violenta

A seguinte lista de 198 métodos está longe de estar completa.

Definições mais completas de cada método e exemplos históricos do seu uso estão disponíveis em *The Politics of Nonviolent Action, Part Two: The Methods of Nonviolent Action***.

MÉTODOS DE PROTESTO E PERSUAÇÃO NÃO-VIOLENTOS

O protesto e a persuasão não-violentos são uma classe que inclui um grande número de métodos que são principalmente atos simbólicos de oposição pacífica ou de tentativa de persuasão. Estes vão para além

das expressões verbais, mas não chegam a ser atos de não colaboração ou de intervenção não-violenta. [...] Cinquenta e quatro métodos de protesto e persuasão não-violentos estão incluídos nesta lista, agrupados aqui em dez subclasses.

Declarações formais

1. Discursos públicos
2. Cartas de oposição ou de apoio
3. Declarações de organizações e instituições
4. Declarações públicas assinadas
5. Declarações de acusação e intenção
6. Petições de grupo ou massa

Comunicações com uma audiência mais ampla

7. Slogans, caricaturas e símbolos
8. Banners, cartazes e anúncios
9. Folhetos, panfletos e livros
10. Jornais e revistas
11. Discos, rádio, televisão e vídeo
12. Inscrições no céu ou na terra

* Extraído de GENE SHARP – *Poder, luta e defesa: teoria e prática da ação não-violenta*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 172-193, e revisto com base em IDEM – *How Nonviolent Struggle Works*. Boston: The Albert Einstein Institution, 2013, p. 21-46.

** Cf. GENE SHARP – *The Politics of Nonviolent Action. Part Two: The Methods of Nonviolent Action*. Boston: Porter Sargent Publisher, 1973.

Mas porquê andar a segunda milha? Não equivale a cair no extremo oposto: ajudar e favorecer o inimigo? De modo nenhum. A questão aqui, como nos dois casos anteriores, é como os oprimidos podem recuperar a iniciativa, como podem afirmar a sua dignidade humana numa situação que, por enquanto, não pode ser modificada. As regras são de César, mas não a maneira como se reage às regras— isso é de Deus, e César não tem poder sobre isso.

Imagine então a surpresa do soldado quando, na marca da milha seguinte, relutantemente procura recuperar a sua mochila (30 a 40 quilos com o equipamento completo), e você diz: “Oh não, deixe-me levá-la mais uma milha.” Porque faria isso? O que pretende fazer? Normalmente, ele tem de coagir os seus compatriotas a carregarem a sua mochila; agora você fá-lo alegremente e *não irá parar!* É uma provocação? Está a insultar a sua força? Está a ser gentil? Está a tentar fazer com seja castigado por parecer obrigá-lo a ir mais longe do que deveria? Está a planear apresentar uma reclamação? A criar problemas?

A partir de uma situação de requisição servil, você tomou mais uma vez a iniciativa. [...]

Estes três exemplos amplificam o que Jesus quer dizer na sua declaração de tese: “Não reajais violentamente contra aquele que é mau”. Em vez das duas opções enraizadas em nós por milhões de anos de resposta irrefletida e bruta às ameaças biológicas do ambiente - fuga ou luta - Jesus oferece uma terceira via. Esta nova via marca uma mutação histórica no desenvolvimento humano: a revolta contra o princípio da seleção natural. Com Jesus emerge uma via pela qual é possível fazer frente ao mal sem se ver espelhado nele.

Alguns poderão dizer que a escolha da não-violência é, em última análise, nada mais do que uma aceitação passiva de situações de injustiça. Poderão argumentar que é cobardia não usar a violência contra o que é injusto, ou recusar-se a defender com violência os oprimidos. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Não há nada passivo na não-violência, quando é uma escolha ditada pelo amor. Não tem nada a ver com a indiferença. O seu objetivo é tentar ativamente “não se deixar vencer pelo mal, mas vencer o mal com o bem”, como nos convida a fazer São Paulo (Romanos 12,21). Escolher a não-violência significa fazer uma escolha corajosa de amor, uma escolha que implica a proteção efetiva dos direitos humanos e um firme compromisso com a justiça e o desenvolvimento harmonioso.

S. JOÃOPAULO II (1988)

que significa para nós hoje o último mandamento de Jesus: “não usar a espada”?

Nem passiva nem débil, a não-violência de Jesus foi o poder do amor em ação. Na sua visão e obras Ele é a revelação e a encarnação do Deus Não-violento, uma verdade especialmente iluminada na Cruz e na Ressurreição. Ele chama-nos a desenvolver a virtude da construção não-violenta da paz.

Como é que Jesus é “a revelação e a encarnação do Deus Não-violento, uma verdade especialmente iluminada na Cruz e na Ressurreição”?

O Senhor venceu na Cruz [...] com um amor capaz de chegar até à morte. Este é o novo modo de Deus vencer: à violência Ele não opõe uma violência mais vigorosa. À violência opõe o contrário: o amor até ao fim, a sua Cruz. Esta é a forma humilde de Deus vencer: com o seu amor — e somente assim é possível — Ele põe um limite à violência. Trata-se de uma maneira de vencer que nos parece muito lenta, mas é o verdadeiro modo de vencer o mal, de derrotar a violência, e devemos confiar-nos a este modo divino de vencer.

PAPA BENTO XVI (Julho 2006)

É claro que a Palavra de Deus, o testemunho de Jesus, não devem nunca ser utilizados para justificar a violência, a injustiça ou a guerra. Confessamos que o povo de Deus traiu muitas vezes esta mensagem central do Evangelho ao participar em guerras, perseguição, opressão, exploração e discriminação.

Como é que a Igreja, o Povo de Deus, “traiu muitas vezes esta mensagem central do Evangelho ao participar em guerras, perseguição, opressão, exploração e discriminação”? O que podemos fazer para desfazer esta traição global da não-violência evangélica, do Jesus não-violento?

Cremos que não existe “guerra justa”. Com demasiada frequência, a “teoria da guerra justa” foi utilizada para respaldar e não para prevenir ou limitar a guerra. Sugerir que uma “guerra justa” é possível também debilita o imperativo moral de desenvolver instrumentos e capacidades para a transformação não-violenta dos conflitos.

Desde o século IV a Igreja tem defendido a chamada “teoria da guerra justa”. Com o desenvolvimento do armamento moderno e do fracasso da guerra, bem como da redescoberta da não-violência de Jesus, o que pensa da afirmação: “Cremos que não existe ‘guerra justa’”? Se a Igreja abandonasse a teoria da guerra justa, o que significaria isso para a Igreja e para o mundo? O que significaria colocar toda a nossa segurança em Deus e aplicar a metodologia da não-violência evangélica a situações globais de conflito internacional? Discuta a afirmação de que a “teoria da guerra justa” foi utilizada para respaldar e não para prevenir ou limitar a guerra e debilita o imperativo moral de desenvolver instrumentos e capacidades para a transformação não-violenta dos conflitos.

Necessitamos de um novo quadro de referência que seja consistente com a não-violência evangélica. Um outro caminho vai-se desenvolvendo claramente no recente ensinamento social católico. O Papa João XXIII escreveu que a guerra não é um meio apropriado para restaurar direitos; o Papa Paulo VI associou paz e desenvolvimento e disse à ONU “nunca mais a guerra”; o Papa João Paulo II disse que “a guerra pertence ao passado trágico, à história”; o Papa Bento XVI disse que “amar o inimigo é o núcleo da revolução cristã”; e o Papa Francisco disse que “a verdadeira força do cristão é o

vigor da verdade e do amor, que requer a renúncia a toda a violência. Fé e violência são incompatíveis”. Ele também pediu veementemente a “abolição da guerra”.

A Conferência declara que “necessitamos de um novo quadro de referência que seja consistente com a não-violência evangélica”. Concorde? Como seria esse quadro de referência?

Se afirmamos que a humanidade tem o direito à sobrevivência, devemos procurar uma alternativa para a guerra e para a destruição. Nesta época de navios espaciais e de mísseis balísticos, só poderemos escolher entre a não-violência e a não-existência.

MARTIN LUTHER KING, Jr.

Propomos que a Igreja Católica desenvolva e considere a mudança para uma perspectiva de Paz Justa baseada na não-violência evangélica. A perspectiva da Paz Justa oferece uma visão e uma ética para construir a paz assim como para prevenir, reduzir e curar o dano causado pelo conflito violento. Esta ética inclui o compromisso com a dignidade humana e com umas relações florescentes, com critérios, virtudes e práticas específicas para guiar as nossas ações. Reconhecemos que a paz exige justiça e a justiça exige a construção da paz.

Discuta a proposta inovadora da conferência de que a Igreja “desenvolva e considere a mudança para uma perspectiva de Paz Justa baseada na não-violência evangélica”, com “uma visão e uma ética para construir a paz assim como para prevenir, reduzir e curar o dano causado pelo conflito violento”.

VIVER A NÃO-VIOLÊNCIA EVANGÉLICA E A PAZ JUSTA

Nesse espírito comprometemo-nos a promover a compreensão e a prática católicas da não-violência ativa no caminho para a paz justa.

Como se pode comprometer “a promover a compreensão e a prática católicas da não-violência ativa no caminho para a paz justa”? Como seria isso? Como podemos ajudar todos os católicos a praticarem a não-violência evangélica?

Com o desejo de sermos autênticos discípulos de Jesus, desafiados e inspirados pelos relatos de esperança e coragem destes dias, fazemos um apelo à Igreja que amamos para:

- Continuar a desenvolver o ensinamento social católico sobre a não-violência. Em particular, apelamos ao Papa Francisco a compartilhar com o mundo uma encíclica sobre não-violência e Paz Justa.

O que gostaria que o Papa Francisco afirmasse numa encíclica sobre não-violência e Paz Justa?

- Integrar a não-violência evangélica de maneira explícita na vida, incluindo a vida sacramental, e no trabalho da Igreja através das dioceses, paróquias, organismos, escolas, universidades, seminários, ordens religiosas, associações de voluntariado e outras.

Como pode ajudar nessa integração?

- Promover práticas e estratégias não-violentas (p. ex. resistência não-violenta, justiça restaurativa, cura de traumas, proteção civil não armada, transformação de conflitos e estratégias de construção de paz).

Como fazer isto? Como pode ajudar? Como seriam a sua nação e o mundo com uma nova compreensão da não-violência e da transformação não-violenta dos conflitos?

tinham para dormir. A situação a que Jesus alude é aquela com a qual os seus ouvintes estariam bastante familiarizados: o pobre devedor afundou-se cada vez mais na pobreza, a dívida não podia ser paga e o seu credor levou-o a tribunal para exigir o reembolso.

O endividamento era o problema social mais sério na Palestina do século I. As parábolas de Jesus estão cheias de devedores que se esforçam para recuperarem as suas vidas. [...]

É neste contexto que Jesus fala. Os seus ouvintes são os pobres (“Se alguém quiser litigar contigo” [Mateus 5,40a]). Eles compartilham um ódio furioso contra um sistema que os submete à humilhação, despojando-os das suas terras, dos seus bens e, finalmente, até mesmo das suas roupas exteriores.

Porque é que, então, Jesus os aconselha a dar também a roupa interior? Isso significaria despojar-se de todas as suas roupas e sair do tribunal nu! Coloque-se no lugar do devedor, e imagine as risadas que tal proposta deve ter provocado. Lá está o credor, corado de vergonha, com a sua peça de roupa exterior numa mão, a interior na outra. De repente você inverteu os papéis. Você não tinha esperança de ganhar o julgamento; a lei era inteiramente a favor dele. Mas você recusou-se a ser humilhado, e ao mesmo tempo registou um protesto impressionante contra um sistema que gera tal dívida. Você disse, com efeito, “Quer a minha túnica? Tome, leve tudo! Agora tem tudo o que tenho, exceto o meu corpo. É isso que vai querer a seguir?”

A nudez era tabu no judaísmo, e a vergonha não recaía sobre quem estava nu, mas sobre a pessoa que observava ou provocava a nudez (Gênesis 9,20-27). Ao despojar-se colocou o credor sob a mesma proibição

que levou à maldição de Canaã. Enquanto vai pela rua, os seus amigos e vizinhos, surpreendidos, chocados, perguntam o que aconteceu. Você explica. Eles juntam-se à sua procissão cada vez maior, que agora se assemelha a um desfile de vitória. Todo o sistema que oprime os devedores foi publicamente desmascarado. O credor é revelado como não sendo um prestamista “respeitável”, mas sim uma parte na redução de toda uma classe social à escassez de terras e à indigência. Este desmascaramento não é simplesmente punitivo; oferece ao credor a possibilidade de ver, talvez pela primeira vez na sua vida, o que as suas práticas causam, e arrepender-se. [...]

3. CAMINHA OUTRA MILHA

O terceiro exemplo de Jesus, o que se refere a caminhar a segunda milha [cf. Mateus 5,41], está tomado da prática muito sábia de limitar a quantidade de trabalho forçado que os soldados romanos poderiam impor aos povos submetidos. [...] Um soldado podia forçar um civil a levar a sua mochila apenas uma milha; forçar o civil a ir mais longe incorria em penas severas sob a lei militar. Desta forma, Roma tentou limitar a ira dos povos ocupados e, ao mesmo tempo, manter os seus exércitos em movimento. No entanto, esta imposição era uma recordação amarga para os judeus de que eram um povo submetido, mesmo na Terra Prometida.

Para este povo orgulhoso, mas subjugado, Jesus não aconselha a revolta. Ninguém “faz amizade” com um soldado, puxa-o de lado, e mete-lhe uma faca entre as costelas. Jesus estava profundamente ciente da futilidade da revolta armada contra o poder imperial romano e não dissimulava a sua posição, o que lhe custaria o apoio das facções revolucionárias.

Há três respostas gerais ao mal: (1) oposição violenta, (2) passividade, e (3) a terceira via da não-violência militante articulada por Jesus. A evolução humana condicionou-nos apenas para as duas primeiras respostas: luta ou fuga.

Nenhuma destas alternativas tem a ver com o que Jesus propõe. É importante que estejamos absolutamente claros sobre este ponto antes de prosseguir: *Jesus abomina tanto a passividade quanto a violência como respostas ao mal*. A sua é uma terceira alternativa que estas opções nem sequer tocam. *Antistênai* não pode ser interpretado como submissão.

Jesus esclarece o seu significado com três breves exemplos.

1. DÁ A OUTRA FACE

“Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” [Mateus 5,39b]. Porquê a *face* direita? Em todo o caso, como é que alguém golpeia outro na face direita? Experimente. Bater com a mão direita naquele mundo destro atingiria a face *esquerda* do oponente. Para golpear a face direita com a mão, seria necessário usar a mão esquerda, mas nessa sociedade a mão esquerda era usada apenas para tarefas impuras. Mesmo gesticular com a mão esquerda em Qumran acarretava a pena de exclusão e dez dias de penitência (Manuscritos do Mar Morto, 1QS 7). A única maneira de se poder golpear a face direita com a mão direita seria com as *costas da mão direita*. Estamos a lidar aqui inequivocamente com um insulto, não com uma luta. A intenção não é ferir, mas humilhar, colocar alguém no seu “lugar”. Normalmente não se golpeava um par deste modo, e se alguém o fazia a multa era exorbitante [...]. Uma bofetada com as costas da mão era a maneira normal de admoestar os inferiores. Os senhores bofeteavam com as costas da mão os escravos; os maridos, as

esposas; os pais, os filhos; os homens, as mulheres; os romanos, os judeus. *Temos aqui um conjunto de relações desiguais, em que cada retaliação seria suicida*. A única resposta normal seria submissão cobarde.

É importante perguntar quem é a audiência de Jesus. Em todos os casos, os ouvintes de Jesus não são aqueles que atacam, iniciam ações judiciais ou impõem trabalhos forçados, mas as suas vítimas [...].

Porque é que, então, Jesus aconselha essas pessoas já humilhadas a darem a outra face? Porque esta ação rouba ao opressor o poder de humilhá-los. A pessoa que dá a outra face está a dizer, de facto, “Tente novamente. O primeiro golpe não conseguiu atingir o efeito pretendido. Nego-lhe o poder de me humilhar. Sou um ser humano como você. A sua condição não altera esse facto. Não me pode rebaixar.” [...]

2. DÁ TAMBÉM A CAPA

O segundo exemplo dado por Jesus passa-se num tribunal [cf. *Mateus* 5,40]. Alguém está a ser processado para obter a sua roupa exterior. Quem faria isso e em que circunstâncias? O Antigo Testamento fornece as pistas:

Quando emprestares alguma coisa ao teu próximo, não entrarás em sua casa para tomar penhor. Esperarás fora, e o homem a quem fizeste o empréstimo é que virá cá fora trazer-te o penhor. *Se esse homem for pobre*, não te deitarás com o seu penhor. Devolver-lhe-ás o penhor ao pôr-do-sol para que possa repousar sob o seu manto e te abençoe. ... Não ... receberás como penhor o vestido de uma viúva. (*Deuterónimo* 24,10-13.17)

Apenas os mais pobres dos pobres não teriam nada além de uma peça de vestuário exterior para dar como garantia para um empréstimo. A lei judaica exigia estritamente a sua devolução todas as noites ao pôr-do-sol, pois era tudo o que os pobres

- Iniciar um diálogo global sobre não-violência no seio da Igreja, com pessoas de outras tradições religiosas e com o mundo em geral, para responder às crises monumentais do nosso tempo com a visão e as estratégias da não-violência e da Paz Justa.

Como podemos incentivar este diálogo?

- Nunca mais usar ou ensinar a “teoria da guerra justa”; continuar a defender a abolição da guerra e das armas nucleares.

Teólogos e académicos têm debatido durante décadas a utilidade da teoria da guerra justa. Alguns acreditam que ela continua a ser útil para limitar ou evitar a guerra e para moderar os efeitos brutais da guerra. Os participantes na conferência de Roma acreditam que a “teoria da guerra justa” é um obstáculo à imaginação criativa, ao investimento financeiro e intelectual que ajudará o mundo a ir além da violência perpétua e da guerra. O que aconteceria se a Igreja se apartasse da teologia católica da “teoria da guerra justa” e investisse profundamente no desenvolvimento da compreensão católica da não-violência ativa? Isso ajudaria a Igreja e o mundo a desenvolverem práticas não-violentas mais eficazes para proteger comunidades vulneráveis, evitar conflitos violentos, transformar estruturas/sistemas de violência e promover culturas de paz?

- Elevar a voz profética da Igreja para desafiar os poderes injustos deste mundo e para apoiar e defender os ativistas não-violentos cujo trabalho pela paz e pela justiça coloca as suas vidas em risco.

Quem são estas vozes proféticas da não-violência evangélica? Como pode ouvi-las e ajudar outros a ouvi-las? Como se pode tornar numa voz profética da não-violência evangélica? Qual é a mensagem que o Deus de paz e da

não-violência está a dizer ao mundo da guerra e da violência? Como pode “apoiar e defender os ativistas não-violentos cujo trabalho pela paz e pela justiça coloca as suas vidas em risco”?

Ofereceram-nos exemplos luminosos e proféticos aqueles que orientaram as suas opções de vida pelo valor da não-violência. O seu testemunho de coerência e fidelidade, mantido muitas vezes até ao martírio, deixou escritas páginas esplêndidas e ricas de lições.

S. JOÃO PAULO II (1999)

Em cada época, o Espírito Santo agracia a Igreja com a sabedoria para responder aos desafios do seu tempo. Em resposta à atual epidemia global de violência, que o Papa Francisco chamou de “guerra mundial aos pedaços”, somos chamados a invocar, orar, ensinar e tomar ações decisivas. Com as nossas comunidades e organizações esperamos continuar a colaborar com a Santa Sé e a Igreja mundial para promover a não-violência evangélica.

O que pode fazer para cumprir este mandato? Que ação concreta pode tomar na sua vida para se afastar da violência e promover a não-violência evangélica? Como pode ajudar a sua Igreja local e a Igreja mundial a cumprir este mandato sagrado?

Convidámo-lo(a) a assinar esta declaração individualmente, como paróquia ou como organização em:

<https://nonviolencejustpeace.net/final-statement-an-appeal-to-the-catholic-church-to-re-commit-to-the-centrality-of-gospel-nonviolence/#form>



O Evangelho deste domingo contém uma das palavras mais típicas e fortes da pregação de Jesus: “Amai os vossos inimigos” (Lc 6, 27). É tirada do Evangelho de Lucas, mas encontra-se também no de Mateus (5, 44), no contexto do discurso programático que se abre com as famosas “Bem-Aventuranças”. Jesus pronunciou-o na Galileia, no início da sua vida pública: quase uma “declaração” apresentada a todos, com a qual Ele pede a adesão dos seus discípulos, propondo-lhes em termos radicais o seu modelo de vida. [...]

Exatamente esta página evangélica é considerada a magna charta da não-violência cristã, que não consiste em entregar-se ao mal segundo uma falsa interpretação do “oferecer a outra face” (cf. Lc 6, 29) mas em responder ao mal com o bem (cf. Rm 12, 17-21), quebrando dessa forma a corrente da injustiça. Então, compreende-se que a não-violência para os cristãos não é um mero comportamento tático, mas um modo de ser da pessoa, uma atitude de quem está tão convicto do amor de Deus e do seu poder, que não tem medo de enfrentar o mal somente com as armas do amor e da verdade.

BENTO XVI — Angelus, 18 de fevereiro de 2007

JESUS E A NÃO-VIOLÊNCIA

Walter Wink*

Muitos dos que dedicaram as suas vidas a trabalhar pela mudança e justiça no mundo simplesmente descartam os ensinamentos de Jesus sobre a não-violência como idealismo pouco prático. E com boas razões. “Dar a outra face” sugere a qualidade passiva, dócil, cristã, que levou tantos cristãos a serem cobardes e cúmplices diante da injustiça. “Não resistir ao mal” parece quebrantar qualquer oposição ao mal e recomendar a submissão. “Caminhar a segunda milha” converteu-se numa banalidade que não significa nada mais do que “esforçar-se”, e em vez de promoverem a mudança estrutural, encorajam a colaboração com o opressor.

Jesus obviamente nunca se comportou de nenhuma dessas maneiras. Qualquer que tenha sido a fonte do mal-entendido, está claro que não nem em Jesus nem no seu ensinamento, o qual, visto no seu contexto social original, é indiscutivelmente uma das declarações políticas mais revolucionárias jamais proferidas:

Ouvistes o que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, digo-vos: Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-

lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas. (Mateus 5,38-41)

Os tradutores ao traduzirem *antistēnai* [Mateus 5,39a] como “*não resistir ao mal*”, [...] estão a traduzir resistência não-violenta por docilidade. Jesus **não** disse aos seus ouvintes oprimidos para não resistirem ao mal. Isso teria sido absurdo. Todo o seu ministério está totalmente em desacordo com uma ideia tão ridícula.

A palavra grega é composta por duas partes: *anti*, uma palavra ainda usada em português para “contra”, e *histēmi*, um verbo que na sua forma substantiva (*stasis*) significa rebelião violenta, revolta armada, dissensão radical. [...]

Uma tradução adequada do ensinamento de Jesus seria então: “Não respondais ao mal (ou quem vos fez mal) do mesmo modo”. “Não retalieis contra a violência com violência”. [...] Jesus não estava menos empenhado em se opor ao mal do que os combatentes da resistência antirromana. A única diferença consistia nos meios a usar: *como* se deve lutar contra o mal.

* Extraído de WALTER WINK – *Jesus and Nonviolence: The Third Way*. Minneapolis: Fortress Press, 2003, p. 9-27. Títulos da nossa responsabilidade. Citações bíblicas da *Bíblia Sagrada*. Difusora Bíblica, 5ª edição, 2008.